

TERRAS E ÁGUAS AO SUL – (TOPO) GRAFIAS DO OUTRO EM OPS, DE MIA COUTO

LANDS AND WATERS SOUTH - (ANOTHER IN topographies OPS, of MIA COUTO

Amilton José Freire de Queiroz^{1*}, Jane Fraga Tutikian², Simone de Souza Lima³

1. Doutor em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente da Universidade Federal do Acre, lotado no Colégio de Aplicação.
2. Doutora em Literatura Comparada, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Docente e Diretora do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
3. Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada, pela Universidade de São Paulo. Docente da Universidade Federal do Acre e Pesquisadora do CNPq.

Recebido: 14/12/2015; Aceito 30/05/2016. * E-mail: amiltqueiroz@hotmail.com

RESUMO

Este trabalho averigua a (topo)grafia do outro no mosaico textual de *O Outro pé da Sereia*, de Mia Couto. O suporte teórico-metodológico que baliza a proposta assenta-se na direção das reflexões de Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Edward Said, Homi Bhabha, Tania Carvalhal, Benjamim Abdala Junior, Laura Padilha e Rita Chaves. De posse do léxico crítico desses estudiosos, intenta-se escavar a sintaxe multifocal e plurivocal dos encontros entre Portugal, Moçambique, Brasil, Índia e Estados Unidos da América. Comparadas, as trajetórias das personagens D. Gonçalo da Silveira, Mwadia Malunga, Rosie Southman, Constança e Benjamim Shouthman disseminam sinais de diálogos assentados, simultaneamente, dentro e fora do universo moçambicano, apontando, por conseguinte, para a configuração de itinerários narrativos onde são bordejadas relações comunitárias entre várias latitudes do mundo contemporâneo. Amparados, portanto, na visão de que as fronteiras do saber não precisam ser de separação, mas sim de aproximação, tensão e diferença reveladora de pontos de intersecção, coteja-se, finalmente, sobrelevar a feição transnacional das cartografias narrativas miacoutianas - lugares móveis por onde transitam vidas, imaginários e experiências reveladoras de diálogos e fricções interculturais que apontam para o fortalecimento do cenário crítico da (geo)grafia das identidades moçambicanas face aos limiares de um comunitarismo supranacional prospectivo alimentado pela leitura transversal dos encontros pós-abissais na escrita/voz de Mia Couto.

Palavras-Chave: Cartografias; fricções; interculturais.

ABSTRACT

This paper scrutinizes the route of traveling homelands drawn in textual mosaic of *The Other Foot Mermaid*, Mia Couto. The theoretical-methodological support that goal the proposal is based on the direction of the reflections of Boaventura de Sousa Santos, Walter Mignolo, Edward Said, Homi Bhabha, Tania Carvalhal, Benjamin Abdala Junior, Laura Padilla and Rita Chaves. Having the critical lexicon of these scholars, it tries to dig-and multifocal plurivocal syntax of meetings between Portugal, Mozambique, Brazil, India and the United States of America. Compared, the trajectories of the characters D. Gonçalo da Silveira, Mwadia Malunga, Rosie Southman, Constance and Benjamin Shouthman spread signs of settlers dialogues both on and off the Mozambican universe, pointing therefore to the configuration of narrative itineraries which are bordered community relations between various latitudes of the contemporary world. Supported therefore the view that the boundaries of knowledge need not be split, but the approach, tension and revealing difference of intersection points, collates, finally, outweigh the transnational feature of miacoutianas narrative cartography - mobile places where transit lives, imaginary and revealing experiences of intercultural dialogue and frictions that point to the strengthening of critical scenario of (geo) spelling of identities Mozambican face the thresholds of a prospective supranational communitarianism fueled by cross-reading of post-abysal meeting in writing / voice Mia Couto.

KEYWORDS: Cartography; Frictions; Intercultural.

1. INTRODUÇÃO

Escalando os degraus do edifício de uma prática comparatista fecundada pela cariz de rascunhar estradas de leitura que permitam dimensionar o fluxo dialógico entre culturas, contextos e discursos, recolhessem-se as bússolas de Laura Padilha, Kamila Krakowska e Mia Couto para levantar as bases do território de reflexão da proposta de mapeamento do circuito cultural das topografias do outro no romance *O outro Pé da Sereia*, de Mia Couto [1] publicado no Brasil, em 2006, pela Companhia das Letras.

Se como ensina Julia Kristeva [2], *todo texto é absorção e transformação de outro texto*”, essa lição ressoa, aqui, com bastante amplitude, pois, ao se colocar lado a lado as vozes dos três autores em epígrafe, procura-se focalizar os pontos de contato que elas apresentam, bem como contribuem para trançar episódios do jogo da diferença cultural no texto miacoutiano. Ainda mais, posicionadas na linha tênue do olhar transversal, as marcas do diálogo tonificam o gesto de deslocar-se dos parapeitos das certezas identitárias, ousando sair dos lugares pré-estabelecidos e previsíveis.

Passeando pelas estampas dos séculos XVI e XXI, o narrador heterodiegético de *O outro pé da Sereia* trança as fronteiras porosas de algumas pátrias imaginárias: Portugal, Moçambique, Brasil, Índia e Estados Unidos da América. Esses lugares de passagem são vertidos para dentro da letra miacoutiana através de um processo de interlocução cujas linhas de força repousam sobre trocas culturais de imaginários

intercambiados. Longe de pasteurizar, ou mesmo cristalizar o fluxo das diferenças, o deslizamento da voz narrativa conflui para representação dos contatos interculturais entre o mundo português, moçambicano, brasileiro e norte-americano.

Ademais, redes de sentido são forjadas para armar a teia de uma narrativa literária amparada na interação de latitudes sobrepostas. Elas são figuradas a partir da orquestração de dois eixos discursivos que sustentam a trama do texto miacoutiano. O primeiro trata da partida dos padres D. Gonçalo da Silveira e Manuel Antunes, e o segundo tematiza o deslocamento do casal Mwadia e Zero Madzero, ocorridos respectivamente entre 1560 e 2002.

Intercalando os capítulos, que ora focalizam o século XVI, ora o século XXI, o narrador enlaça os episódios de evangelização jesuítica realizada no reino de Monomotapa e a aventura interior e exterior de Mwadia. Esta tinha como meta transportar a santa sem um pé, encontrada à beira do rio, para Vila Longe, espacialidade onde nascera e passa grande parte de sua vida. É lícito acrescentar, ainda, a cena em que Zero Madzero, ao enterrar a estrela, achada no quintal de sua casa, na margem do rio, encontra, juntamente com sua esposa, uma caixa de manuscritos antigos cuja existência de vida perfaz um total de quatrocentos anos.

Ao por de pé essas geografias de olhares interfaceados, a entidade narrativa entrecruza saberes e conhecimentos amparados no imaginário do passado/presente de Moçambique, questionando-os e intersectando-os através do

trânsito de personagens cujas práticas gastronômicas, linguísticas, religiosas, sociológicas, antropológicas e históricas equilibram-se na corda bamba do processo de interação com alteridades flutuantes. Estas, viajando pelos idos do tempo hodierno e simultâneo, rasgam o manto de invisibilidade posto sobre as possibilidades de escrita ligadas aos deslocamentos intertextuais das poéticas das circulações entre o espaço próprio e alheio da cultura moçambicana.

Nesse sentido, a encenação das travessias, do deslocamento, a descoberta de outros lugares e tempos encoraja o rastreamento de outras subjetividades. Desse modo, o (des)encontro das margens culturais da vida portuguesa, representada pelo itinerário de Silveira e Antunes, e a moçambicana, projetada no trajeto de Mwadia e Madzero, aponta para versões abertas da escrita da memória do contato com as experiências de mundo moçambicano, suspenso por mesclas culturais, cujos indícios modalizam vozes diversas que suturam monovocalidades fechadas.

Ao entrar em contato com essas nuances, o leitor percebe-se em meio a um texto atravessado por diferentes rastros da pertença/presença do olhar enviesado que agasalha rostos dissonantes da violação de fronteiras, verificando a urgência de buscar tecer alianças eficazes de participação, contiguidade de diálogos, negociações entre nacionalidades as mais equidistantes possíveis.

Isto abaliza a recolha de pistas sobre a caminhada feita entre “rios, regatos e ribeiros”, e, conforme aponta Laura Padilha, desperta o desejo

de transpassar “paisagens e fronteiras” motivadoras do exercício da saída do ciclo do mesmo, com vistas a fisgar as (in)diferenciações no movimento plural das ondas, pela simetria e dispersão da impossibilidade de recortar saberes que se mantêm vivos pelo intenso diálogo com outros horizontes transfronteiriços.

Sopro da voz do século XXI, Mwadia penetra na intimidade dos documentos escritos no tempo das Grandes Navegações com a possibilidade de sondá-los, reinterpretá-los e projetá-los sob outras canchas históricas – aquelas de um curso do olhar mais descentrado, corroído pelo clima de tensão na própria sociedade moçambicana. Esse dado se apresenta de cabal importância, haja vista o narrador selecionar uma figura feminina para realizar a travessia pelos manuscritos que inauguram discursivamente o espaço moçambicano. Ao manejá-los, a filha de Constança inspeciona os arquivos do dizer, fazer, sentir e testemunhar das primeiras cenas da vida nacional.

A personagem percebe-se navegante de um mar de culturas híbridas por onde pode içar voos que lhes permitam dialogar consigo mesma e os demais portos flutuantes que repousam nas terras moçambicanas. O sentimento que a move atende pelo nome de conhecer, traduzir e viver com o outro, tendo em conta que ela identifica, desde o início, que não consegue movimentar-se somente na zona do discurso oficial lapidado pelo mundo português. A filha de Costança Malunga percebe que é necessário recolher as fagulhas, os momentos de dissenso, resistência e tensão

produzidos na esfera de sua casa – microcosmo da sociedade moçambicana.

Desse lugar onde são empreendidas relações plurissemânticas, Mwadia radiografa o fluir das conexões históricas, geográficas e éticas entre Oriente e Ocidente. Rasurar bordões, escrever roteiros, imaginar vidas, mesclar horizontes, velejar na palavra alheia e construir bússolas que agucem o desenho de limares provisórios sobre os percursos narrativos moçambicanos são os roteiros da viagem simbólica da esposa de Zero Madzero pelo seu mundo corroído pela presença de alteridades cruzadas.

A filha adotiva de Jesustino Rodrigues incendeia os porões de sua memória individual, saindo à procura de arpoar as cinzas do discurso de vizinhos, barbeiros, feiticeiros e mulheres que escrevem na terra para ler as idiossincrasias dos tempos memórias e imemoriais silenciados pelo projeto uma nação coesa, homogênea e estanque.

Mesmo diante dos tentáculos oficiais impostos pela voz logocêntrica, a viagem de Mwadia no universo da letra, aliada à leitura dos manuscritos, ajuda-a a ultrapassar as divisas que limitam seu trajeto, trazendo a finalidade de definir outros gestos solidários para si mesma frente aos familiares, amigos e estrangeiros residentes em Vila Longe. Como motivo provedor de auto-definição, conforme diria Krakowska, a viagem empreendida pela personagem abre caminho para a reconfiguração dos traços da ocidentalidade paradoxal, mantendo viva a atmosfera rarefeita do encontro de alteridades cuja itinerância balança entre geografias de caravelas oblíquas que trazem

em seu bojo a tônica da interrogação da terroterialização dos discursos monolíticos da cultura moçambicana.

Como leitora ávida que pode reescrever o curso da história da escravidão na bacia cultural moçambicana, Mwadia entra no território alheio para alterar também sua própria contingência ética, navegando na fronteira da ambiguidade, heterogeneidade e obliquidade do remanejamento do mapa da espacialidade disjuntiva dos séculos XVI e XXI. Por sua vez, o transitar de Malunga endossa a perspectiva miacoutiana de que a viagem constitui uma chave interpretativa capaz de redimensionar o cenário de construção do ethos *particular*, interligando-o a outras maneiras de perceber, olhar e aproximar versões do contato com as margens moçambicanas.

Dependurados na corda da relação, as vidas trançadas de Gonçalo da Silveira e Mwadia Malunga testemunham a emergência de valores que se afirmam como relativos e momentâneos. O curso das travessias de Silveira entre Goa e Moçambique e as de Mwadia entre Anticamente e Vila Longe (Moçambique) sinalizam para o horizonte crítico da transformação de espaços fixos, fechados e redutíveis em zonas fronteiriças que agenciam novas formas de interatividade, trocas linguísticas e culturais.

Colocando em contato uma personagem que vagueia pelos escombros do século dos grandes fluxos marítimos e outra que escava as cicatrizes produzidas no imaginário da guerra colonial, o narrador miacoutiano fricciona os pontos de vista português e moçambicano, não

eximindo nenhum dos dois da culpa diante do processo de produção dos traumas históricos, sociológicos, filosóficos e religiosos imputados às férteis regiões culturais que compõem o território moçambicano, bem como suas interconexões e atravessamentos com a América, Ásia e Oceania.

Ao edificar, diluindo, distâncias internas e externas, a figura narrativa miacoutiana atraca sua âncora na margem de espaços remanejáveis que impulsionam a projeção de fronteiras negociadas e compartilhadas entre Portugal e Moçambique. Trançadas as pontas desse cordão umbilical que se toca e distancia, o narrador atua vertical e horizontalmente para aproximar rostos, trajetórias e percepções de personagens que circulam entre águas distintas, permeabilizando o trânsito pelas línguas e culturas de Brasil e Estados Unidos.

Esses mundos são transpostos para dentro da vida cotidiana dos habitantes de Vila Longe, levando-os a experimentar outras estruturas de sentimento cujas marcas denunciam contrastes, conflitos e temporalidades que pontificam a cartografia de uma fronteira transnacional, plurilinguística e intercultural.

À trajetória vacilante dos moçambicanos Mwadia, Constança, Luzmina Rodrigues, Chico Casuarino, Singério, Arcanjo Mistura, Edmundo Capitani e Zeca Matambira, o narrador entrança a das personagens estrangeiras Rosie Southman, Benjamim Shouthman, respectivamente brasileira e americana. À medida que desbrava a estrada individual e coletiva de cada uma dessas figuras de ficção, aquele que narra passa em revista o cenário do entrecruzamento de vozes dissonantes e

dialógicas, metaforizando o percurso da configuração das travessias entre regiões, continentes e arquipélagos culturais.

O narrador, portanto, olha para dentro e fora do que acontece em Antigamente e Vila Longe para tecer as tramas de paisagens culturais circunstanciadas, indo na direção de Carvalho [3] esse narrador vive uma outra maneira de ver o mundo, de se apropriar dele, e, essencialmente, de expressá-lo.

Transposta para o mundo romanesco miacoutiano, as palavras de Carvalho abalizam chegar à premissa de que o narrador se mune de uma postura bastante aberta diante da promoção do encontro entre as personagens moçambicana, brasileira e americana. Uma abertura que propicia, de um lado, o friccionamento dialógico de vidas plurais enlaçadas pela plasticidade das discontinuidades, cortes, desvios que intensificam, de outro lado, o ciclo das interdependências transnacionais e interações globais.

Içada ainda pela vela de leitura de Carvalho, a outra maneira de ver o mundo na zona da letra miacoutiana é executada mediante a convivência simultânea direções entrecruzadas que cindem a simples perspectiva de justapor de memórias de Mwadia, Rosie e Benjamim. Eles têm suas vidas roçadas, esquadrinhas e redimensionadas pela interferência mútua dos imaginários aproximados, sugerindo novos deslocamentos espaciais, temporais e discursivos. Os horizontes de atuação das personagens apresentam-se, assim, construtivamente, avessos ao

essencialismo e à busca de uma origem fixada para sempre.

Provenientes de nacionalidades díspares, mas ligados pelo sentimento de encontrar outras coordenadas para suas vidas estilhaçadas, esse triunvirato de atores que convive no bosque do romance miacoutiano figuram releituras, transposições e percursos virtuais da base sinérgica da criação de valores comunitários entre o imaginário moçambicano, brasileiro e americano.

Pela acolhida de geografias liminares que compartilham de um repertório de uma solidariedade translocal, as relações estabelecidas entre as moçambicanas Mwadia/Constança e os de outras terras do Atlântico desestabilizam a pasteurização da diferença, visto que cada uma das diferenças evocadas pelo narrador coaduna-se, abertamente, ao rastreamento dos contornos, relevos e contradições existentes dentro de uma lógica que desarticula o jogo beligerante da monologia discursiva.

Nesse sentido, pode-se entender que o trânsito interno de Mwadia e Constança conecta-se a um *locus* de enunciação fronteira instaurado pelo deslocamento dos estrangeiros Rosie e Benjamim pelo espaço moçambicano, autorizando mapear aquilo que é comum, mas também diferente em relação àqueles que provém de outras instâncias culturais.

O resultado desse diálogo transfronteiriço deságua no friccionamento das comarcas brasileira, americana e moçambicana, sugerindo a focalização dos traços de uma alteridade que vai além dos limites nacionais e se ergue a partir de espaços

longínquos, tornados tão vizinhos pelo avançar das águas do Índico e pelas contiguidades simétrico-assimétricas de regiões de passagem que comungam de práticas culturais assentadas em contrapontos à unilateralidade das discursividades supranacionais.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Esgarçadas as fronteiras do dizer, saber e conhecer os percursos da trafegabilidade e interferência de personagens na tessitura da cultura moçambicana, o narrador miacoutiano, posicionado na zona fronteira, realiza o comércio simbólico entre línguas e culturas estrangeiras em si.

Mwadia – uma moçambicana que trafega pelo território da palavra alheia posicionada nas comunidades imaginadas de Portugal, Brasil e Estados Unidos. Falante do português, mas também detentora do letramento em língua inglesa, a esposa de Zero Madzero estabelece relações de intercâmbio entre a cultura portuguesa, brasileira e americana, redesenhando linhas que, no lugar de separarem as geografias de pertencimento, desnaturalizam as divisões abissais da produção do conhecimento. As práticas de leitura que a personagem realiza na biblioteca de Jesustino, seu padrasto, redundam na cartografia dos indícios da co-presença de várias partes do mundo atuando na redefinição das fronteiras nacionais moçambicanas.

O virar das páginas dos manuscritos da viagem de Gonçalo da Silveira e o deitar os olhos nos papéis rabiscados pela brasileira Rosie e pelo

americano Benjamim conferem à Mwadia *o status* de intelectual da margem moçambicana capaz de recontar, enfiadamente, a história da escravidão negra. Já que Antigamente – a cidade onde mora com marido - não dispunha de espaços públicos de leitura, Mwadia não pode empreender suas travessias simbólicas através do tatear do livro; situação contrária que se lhe afigura em Vila Longe – espaço da letra representado pela biblioteca.

Neste lugar que simboliza o peso da tradição ocidental – isto é – as inflexões e ressonâncias do poder exercido por aquele que lê, traduz e ultrapassa os limiões da letra morta, Mwadia permite-se, pela interpretação de Silviano Santiago [4], brincar com os signos de um outro escritor, de uma outra obra. Uma travessia de leitura pelos arquivos coloniais que diziam das práticas linguísticas, religiosas, gastronômicas, éticas, filosóficas e ambientais. Manejando esse cabedal de imagem, Mwadia equilibra-se entre as práticas da invenção do cotidiano do século XVI e XXI.

Mwadia consegue empreender essa tarefa de tradutora de imaginários móveis, porque traspassa/embaralha/interpreta, criticamente, os documentos de Silveira e as folhas avulsas de Rosie e Benjamim. Sobrepostos, os signos disjuntivos do olhar alheio ajudam a personagem transgressora a cartografar microespaços provisórios que testemunham a hibridez das relações internas e externas ao mundo moçambicano.

Como intelectual que surfa pelo “signo *de outrem*”, Mwadia aprende a viver com a terra

moçambicana dentro de si, hospedando-a no fluxo ininterrupto da fratura do signo do presente, energizando simultaneidades contraditórias de dinâmica transversal de encontros culturais entre pátrias itinerantes. Demarcada da fronteira limítrofe, a personagem habita uma territorialidade cambiante de linhas fuga, lançando-se à amplitude de direções, olhares e vidas cuja apetência esteja desdobrada no clima do jogo da interação de margens transnacionais.

Projetá-las em estágio de correlação é uma forma de agasalhar pontos de diferenciação e trocas que borrifam graus de solidariedade pensados para além do reconhecimento da diversidade linguística e cultural moçambicana, alçando diálogos friccionais entre contornos específicos geo-culturais que impedem as visões e cronologias totalitárias. Depois de sair do Brasil e passar quinze anos nos Estados Unidos, conseguindo a cidadania americana, Rosie parte rumo a Vila Longe para interfacear a história dos negros da América e da África moçambicana. A personagem trafega numa tríplice fronteira simbólica que lhe faculta a experiência intelectual de recolher relatos de negros sobre as situações-limite nas quais estão imersos, dimensionando pactos e desencontros existentes esses dois imaginários onde estão espalhados resíduos da traumática prática de violência imputada aos negros. Sua função era amarrar as duas margens do Atlântico como forma de projetar um olhar enviesado que coloca em evidência o que há de comum e diferente no ato de rastrear os conflitos,

crises e dissabores vividos pelos negros das Américas e Áfricas.

Relendo as antigas e novas cartografias do percurso da memória dos negros americanos e moçambicanos, Rosie chama a atenção para o rascunho de novos imaginários sobre a representação do sofrimento próprio e alheio, testemunhando lutas, incongruências e redes de poder que reforçam a necessidade de sumariar, comparativamente, o tateamento da memória do negro na zona da escrita da história. Por isso, ao assumir a função de intelectual, Rosie universaliza, ao mesmo tempo que penetra nas individualidades, os conflitos e crises que alimentam a vida cotidiana dos presos americanos e os moradores de Vila Longe.

Através da associação traumática desses imaginários, ela impulsiona o circuito da representação de personagens radicadas em entremundos híbridos, bem como denuncia a violência predatória frente às susceptibilidades negras – nichos intercambiáveis de trocas simbólicas cujas bússolas e instrumentos de navegação oferecem outros percursos de leitura para analisar mapas literários que associem e estimulem a fazer novas perguntas e repensar as linhas de figuração do contato entre os imaginários culturais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O encontro entre culturas aparentemente distintas incentiva o florescimento de atitudes críticas de Constança Malunga – mãe de Mwadia. A mulher gorda que vivia sob as ordens severas do

marido Jesustino encontra uma válvula de escape para temperar sua memória com o contato de Rosie e as histórias lidas pela filha no sótão da casa onde morava.

Como não decodificava as letras escritas, a moçambicana Constança entra no território do imaginário alheio por meio da oralidade, traduzindo e sendo traduzida pela voz de Mwadia. Entretanto, a progenitora não deixa de assumir a condição de uma intelectual que pode versar sobre os meandros da história da aldeia de Vila Longe. Este olhar feminino é uma fonte de experiência que testimonia um ponto de resistência importante na tradução das entranças entre oralidade, escrita e terra.

Mãe e filha estão mergulhadas nos caminhos da terra – espaço onde Constança encontra razão para pedir que Mwadia escreva na areia traços de uma história que indique novos trajetos de leitura das idas e vindas dos moçambicanos dentro de seu próprio território. Porque concebe a terra como uma página que contém linhas em fuga, a senhora só consegue ler os sinais deixados nas encruzilhadas do microespaço da areia – erguido sob o clima da perenidade da configuração dos saberes e conhecimentos produzidos a despeito das versões oficiais e homogeneizadoras da cultura moçambicana.

A atitude de Constança recupera vozes cujos testemunhos não ficam escritos nas dobras do papel, rascunhando nas entrelinhas da areia o curso da revisão das epistemologias e de uma reflexão sobre a projeção das tramas das diferenças, de tal

forma a alargar, simbolicamente, as vertentes de projeção do mundo moçambicano.

Usando a língua pelo escrever na areia de Mwadia, Constança age intelectualmente no sentido de assumir uma posição crítica face aos jargões configurados no tecer da memória de sua terra natal. Para não endossá-los, decide jogá-los na corrente do tempo de vidas múltiplas erguidas sobre as faces das travessias e cruzamentos de cenas itinerantes. Com isso, ela interage com uma multiplicidade de ressonâncias de trânsitos ibero-afro-brasileiros-americanos de vidas que comungam da ação intelectual de rasurar as pilastras dos discursos estanques.

Pensando a partir de Glissant [5], Constança percebe que “*viver a totalidade-mundo a partir do lugar que é o nosso, é estabelecer relações e não consagrar a exclusão*”. Ela decide relacionar-se com a terra, com a filha e demais estrangeiros que a rodeiam. Nesse projeto de atravessar e ser atravessado pelo outro, percebe-se participante de uma malha histórica que incursiona o processo de formação das identidades pós-coloniais através da reescrita das geografias dos diálogos friccionais existentes dentro e fora do raio de atuação de Constança e Mwadia.

A sensibilidade miacoutiana em erguer pátrias itinerantes dentro de seu mosaico textual fica mais latente, quando se mira o trajeto de Benjamim Southman. Este historiador afro-americano procura traduzir as marcas da escravatura africana. Como uma decifradora de passados, essa personagem estrangeira começa transitar pelas casas de Vila Longe. Vasculhando

os arquivos da memória dos moçambicanos, Benjamim inicia a trajetória de escrita da história da escravidão. Entrevista primeiramente o empresário Casuarino Malunga – tio de Mwadia. Depois, o curandeiro Lázaro Vivo – espécie de curandeiro, transformando num Conselheiro Tradicional. Um terceiro entrevistado seria Zeca Matambira – elegante funcionário e boxeador destacado.

Pelo que se observa, tencionam-se imaginários, formas de ler, aprender e interpretar a presença do outro dentro da esfera cultural moçambicana. À medida que está atenta ao escrever do estrangeiro, Mwadia tem a possibilidade inspecionar, detidamente, o artifício representacional com o qual o historiador registra as práticas cotidianas dos moradores da vila. Os propósitos de Benjamim são logo reconhecidos no ato de leitura da moçambicana Mwadia. Assim, a versão da escravatura pode ser engendrada de acordo com o ângulo de visão que endosse o olhar exótico do estrangeiro.

Realiza-se, portanto, um procedimento de resistência cultural, já que há interna e externamente vozes dissonantes na construção dessa imagem estereotipada do *modus vivendi* dos moçambicanos. Duas pátrias imaginárias são aproximadas - Mwadia e Benjamim, pois desvendam os percursos da interferência transversal do outro na catalogação dos elementos que atravessam as camadas do saber transnacional evocado na promoção do encontro entre vidas, línguas e anseios de relações interculturais.

Aproximadas, as trajetórias de Mwadia, Constança, Gonçalo Silveira, Rosie e Benjamin Southman – oriundas respectivamente de pátrias itinerantes como Moçambique, Portugal, Brasil e Estados Unidos - confluem para o que Spinuzza [6] chama de “*cartografia de imaginários, lugares, que se vão hibridizar no território moçambicano*”. Matizam, portanto, fios de supranacionalidade cujos deslocamentos insinuam fronteiras precisas do estado-nacional, enquanto que também recriam um novo espaço, composto de terra, água e que se prologam gradualmente nos confins molhados do encontro Índico e Atlântico.

Posto sobre si mesmo, o percurso de Mwadia Malunga embaralha pontos de referência internos e externos ao universo moçambicano. Ela se desloca para o Sul de sua alteridade quebrada, estilhaçada, ao mesmo instante que encontra outras personagens inscritas na margem atlântica e indica para navegar na zona intermédia de saberes e mundos interconectados.

Ao figurá-los como a imagem do oceano que remete para o passado, presente e futuro, em face do sentido de pertença a uma pátria itinerante de feição transnacional, o narrador miacoutiano promove a interação entre partes das Américas e Áfricas, nomeando-as a partir da encenação de partidas, retornos e hesitações que ultrapassam o perigo de homogeneizar e administrar os traços da diferença cultural de cada personagem.

Estas têm suas cosmovisões e trejeitos içados pelo projeto vacilante do narrador heterodiegético que entra na cordilheira do dizer, agir e olhar dos moçambicanos, portugueses,

brasileiros e americanos para descamar as zonas mais tórridas da paralisia inócua do medo de interagir com outras margens da cultura ocidental e oriental.

No projetar de vozes rascantes e dissonantes, vem à tona a figuração de vidas em trânsito pela margem própria e alheia, relativizadas pelo voo no território da singularidade que solicita o reposicionamento de concepções binárias frente às novas contingências do diálogo triangular das culturas moçambicana, portuguesa e indiana.

A figuração do estrangeiro obedece, portanto, à premissa que de o outro é parte indissociável do processo de reconhecimento da diferença interna que sustenta a formação do imaginário de alteridades cruzadas para além do simples fortalecimento do ciclo do mesmo. Ligar esses lugares de vacância permite perceber que o estrangeiro integra a própria constituição do sujeito que se despreza das amarras da ilusão de dono de si mesmo, reconhecendo-se participante de um jogo identitário composto de várias faces cujas paradas circunstanciais são responsáveis por demarcar como cada momento do convívio com o outro de si produz realinhamentos capazes de ler as incompletudes que atravessam a cadeia das formações culturais que o indagam constantemente na trama do cotidiano.

4. CONCLUSÕES

As (topo)grafias do outro recaem entre o movimento de pausa entre o dentro- fora de si e o fora-dentro do outro no imaginário das redes de

multiplicidade da hipótese heterogênea; o percurso da viagem com outras bússolas que procuram ir além do já-visto e já-dito, desviando-se do pensamento fixo para impulsionar a força das respostas plurais; a ultrapassagem do limite de si mesmo para ler o fluxo das conexões entre imaginários; a força dos encontros, dos desvios e a topografia do jogo das movências intersubjetivas dos sujeitos da relação.

Propondo essas definições, não se pretende fechar peremptoriamente o fluxo das redes de investigação estendidas aqui, mas sim levá-las ao exercício da reflexão de constelações críticas que convidem à travessia pelo universo do romance miacoutiano. São desses encontros, conjugado no plural, que outras dicções, outros deslocamentos e outras marcas da estrangeiridade dentro-fora do nacional e fora-dentro do estrangeiro virão à superfície das redes de diálogo.

Desse modo, a (geo)grafia do encontro recoloca o comparatista na estrada da errância entre dentro-fora do imaginário da palavra habitada pela confluência disjuntiva dos diversos hiatos. Esses desenham o arquipélago do olhar deitado na vela da voz surfando entre os continentes da narrativa miacoutiana. Para atravessá-los, foram mapeados os fluxos comunitários, trançadas as paisagens literárias embaladas pelas fricções. No limiar desses imaginários móveis, foram desenhados traços, tranças e travessias do dentro-fora e fora- dentro da figuração do outro na narrativa de Mia Couto.

5. REFERÊNCIAS

- [1] COUTO, Mia. **O outro pé da Sereia**. Companhia das Letras, São Paulo, 2006.
- [2] KRISTEVÁ, Julia. **Introdução à semanálise**. São Paulo, Perspectiva, 1974.
- [3] CARVALHAL, Tania. **O próprio e o alheio: ensaios de literatura comparada**. São Leopoldo, Unisinos, 2003.
- [4] SANTIAGO, Silviano. **O entre-lugar do discurso latino-americano**. In. Uma literatura nos trópicos – ensaios de dependência cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- [5] GLISSANT, Édouard. **Introdução à poética da diversidade**. Trad. Enilce Albergaria Rocha. Juiz de Fora, Editora da UFJF, 2005.
- [6] SPINUZZA, Giulia. **Reconfiguração da nação em Janela para Oriente de Eduardo White**. In. LEITE, Ana Mafalda; OWEN, Hilary, CHAVES, Rita; APA, Livia (Orgs). *Nação e narrativa pós-colonial I: Angola e Moçambique – ensaios*, Edições Colibri, Lisboa, 2012.